

O texto sedutor na literatura: apontamentos para uma leitura da literatura infantil brasileira contemporânea¹

O texto sedutor na literatura infantil: about a moment in the process of constitution of the Brazilian Children's Literature

ANA MARIA ESTEVES BORTOLANZA

Universidade de Uberaba

Brasil

amebortolanza@uol.com.br

Resumo. Este artigo tem por objetivo analisar um discurso sobre a literatura infantil brasileira, representativo de um momento no processo de constituição da literatura infantil brasileira, situando-o em relação a outros discursos a respeito do caráter estético e do caráter utilitário no texto literário escrito para crianças. Trata-se de *O texto sedutor na literatura infantil*, de Edmir Perrotti, publicado em 1986. Vinte cinco anos depois de sua publicação, o tema abordado destaca-se pela sua atualidade.

Abstract. This article aims at analyzing a text about Brazilian literature for children, which is a milestone in its development. This analysis focuses on the style and the usefulness of literature for children. The book written by Edmir Perrotti 25 years ago in 1986 deals with the factors to draw children's attention in literature for children; this theme remains relevant today.

Palavras chave: *Literatura Infantil Brasileira; Discurso estético; Discurso utilitário; Perrotti.*

Key words: *Brazilian Literature for Children; style; usefulness; Perrotti.*

¹ Para citar este artículo: Esteves Bortolanza, A. M. O texto sedutor na literatura infantil: apontamentos para uma leitura da literatura infantil brasileira contemporânea. *Alabe* 4, diciembre 2011 [<http://www.ual.es/alabe>]

O trabalho foi inicialmente elaborado como parte das atividades de um seminário apresentado na disciplina *Literatura Infantil Brasileira*, sob a orientação da professora Dr^a Maria do Rosário Longo Mortatti, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP, campus de Marília. Este artigo incorporou novas leituras sobre o texto literário escrito para crianças que atualizaram as reflexões tecidas anteriormente.

Sabe-se que na sociedade capitalista, a criação, produção e circulação do texto literário para crianças estão sujeitos às novas condições da arte e da literatura que surgiram com o aparecimento da categoria mercado, enquanto elemento regulador da atividade estética. Além do mercado, a questão etária também atinge a criação do texto literário infantil, portanto uma estética fundada apenas na expressão não será capaz de compreender esse fenômeno em sua totalidade.

Para Perrotti (1986), desde o século XVIII, com a constituição da literatura infantil como texto escrito para crianças, esta vem assumindo um papel pedagógico, sendo o comprometimento com o ensinamento uma característica desse gênero literário desde sua gênese. Assim, o texto tomado como pretexto tem sido utilizado como recurso didático para desenvolver atividades escolares. O caráter instrumental está sempre presente no discurso literário, pois o discurso estético não é puro, nele estão presentes uma instância ideológica e a busca de adesão, entretanto no utilitarismo, a ideologia e a busca de adesão são a sua essência. Para mostrar as diferenças entre um discurso e outro, o Autor cita vários teóricos, afirmando que a linguagem da arte possui seus próprios caminhos, diferentes da doutrinação e da catequização do discurso utilitário. Ao apontar a convergência dos críticos literários a respeito de o nível instrumental inerente à obra de arte, Perrotti reafirma que a obra de arte não se esgota no nível da instrumentalidade. O problema da literatura para crianças e jovens é sua redução à instrumentalidade. A diferença de idade entre o escritor-adulto e o leitor-criança não estabelece necessariamente uma relação de poder, pois a desigualdade reside no modelo discursivo, que ao reproduzir a sociedade burguesa, produz um discurso utilitário.

2

Escarpit (apud PERROTTI, 1986), mostra que o discurso utilitário se manteve em sua estrutura básica, a partir do século XVIII até recentemente, escamoteado em novos modismos didáticos. Com a burguesia no poder, a literatura infantil acumulou cerca de cem anos de atraso em relação aos novos padrões da cultura ocidental. Fischer (apud PERROTTI, 1986: p.29) aponta que a mercantilização da arte cresceu sob a proteção do capitalismo, mas foi negada por muitos artistas que encontraram na negação uma forma para protestar contra o mundo feliz que a burguesia ascendente prometia.

Gramsci (apud PERROTTI, 1986: p.31), defensor da concepção instrumental da arte, reconhece uma “zona específica do discurso estético”, pois uma literatura mesmo comprometida com a perspectiva de mundo do proletariado não pode deixar de lado seu caráter próprio, ou seja, sua esteticidade. Adorno (apud PERROTTI, 1986: p.32), diferencia arte engajada e tendenciosismo, pois a arte engajada não é prescritiva e seu discurso não é unívoco como na arte tendenciosa.

Sartre (apud PERROTTI, 1986: p. 34) defendeu uma postura engajada do escritor, uma vez que a palavra é arma e por meio dela pode-se desvelar aos leitores a alienação imposta pela sociedade burguesa. A literatura tem uma finalidade mágica, embora tenha certa instrumentalidade, trata-se de um, “instrumento diferenciado que não se confunde com o utilitarismo”. Para Engels, também partidário da arte engajada, há diferença entre o discurso utilitário enquanto categoria não-estética e o discurso engajado que possui esteticidade (apud PERROTTI, 1986: p. 36).

Elliot (apud PERROTTI, 1986: p.37) afirma que a função da poesia é dar prazer, porém para além do prazer, o poeta tem algo a dizer, uma vez que sempre há na leitura da poesia uma “experiência nova que amplia nossa conscientização ou nossa sensibilidade”. Já para o escritor Allan Poe (apud PERROTTI, 1986: p. 38) há na “arte um nível instrumental que não se confunde com a heresia didática”. Barthes (apud PERROTTI, 1986: p. 39), em seu texto *A aula*, afirma que é preciso “ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente”. A literatura infantil precisaria operar esse deslocamento para transformar-se em literatura, mas para isso teria que romper com a ordem burguesa.

Ao produzir sua dissertação de mestrado, *A crise do discurso utilitário: contribuição para o estudo da literatura para crianças e jovens* (1984), dois anos depois publicada em livro, Perrotti optou por uma tomada de posição em relação à nova função da literatura infantil brasileira. Como profissional da área de comunicação, voltado para as questões culturais que dizem respeito à educação de crianças e jovens, engajado em uma reflexão crítica sobre a infância e a leitura, o Autor discursa de um lugar social distinto dos críticos de literatura infantil, que lhe permitiu lançar um olhar singular e crítico sobre a literatura infantil brasileira.

1. Gênese da literatura infantil

Sabe-se que a literatura, desde a Antiguidade, é o meio privilegiado de transmitir valores, principalmente os valores morais que são ensinados às crianças. Na Antiguidade e na Idade Média, crianças e jovens abastados liam os clássicos greco-latinos para aprender a língua e receber formação moral. Na Idade Média, foram acrescentadas aos clássicos, as epopeias bíblicas, que imitando Virgílio, serviam para ensinar latim. Também as leituras escolares das nações modernas passaram a adotar autores como Shakespeare e Goethe. De acordo com Perrotti (1986), até esse momento, o uso instrumental da literatura ainda não havia se comprometido com a concepção utilitária do texto escrito para crianças.

Com a Contra-Reforma, começa, para Soriano (apud PERROTTI, 1986: p.47) a “diluição do instrumental no utilitário, surgindo uma literatura *específica* para crianças. Os textos literários foram fragmentados e refeitos para manuais escolares e universitários. A literatura para crianças passa a ser vista como ferramenta para doutrinar os pequenos leitores. O discurso utilitário instalou-se por meio de critérios que gravitam em torno da moralidade e do pudor, da obediência e da ordem estabelecida.

Entretanto, a partir do século XIX, esse discurso deixou de ser hegemônico, uma vez que o romantismo privilegiava o domínio da emoção sobre a razão, repercutiu na literatura para crianças. Autores como os Irmãos Grimm (1786 -1859), Christian Andersen (1785 - 1863) e Collodi (1826 - 1890), opondo-se ao iluminismo racionalista, valorizaram o sonho, a emoção, a fantasia acima de qualquer atividade literária de caráter moralizante ou pedagogizante. Surgem obras como *Alice no país das maravilhas*, *Robson Crusóé*, *As viagens de Gúliwer*.

As viagens de Gúliwer de Swift (1726), semelhantes aos relatórios de viagens renascentistas pelo caráter aventureiro, mas de intenção realista, transmitem ao leitor aventuras realmente vividas, evidenciando a importância das viagens dos mercadores para regiões distantes, no período da expansão comercial. A obra de Swift reflete as contradições que permeavam a transição da sociedade feudal para a sociedade burguesa: o ideal puritano, os valores cristãos de educar humanamente, o individualismo, as ciências modernas, a expansão da indústria manufatureira, a miséria dos trabalhadores irlandeses e, sobretudo o caráter de utilidade do conhecimento. Enfim, um virtual romântico que cria o mundo prometido pela burguesia revolucionária, mundo esse que ela não logrou oferecer aos homens, quando se tornou hegemônica.

Exemplo é o ensaio *Modesta proposta para evitar que as crianças da Irlanda sejam um fardo para os seus pais ou para seu país*, publicado três anos depois de *As viagens de Gúliwer*, mostra Swift profundamente indignado com a situação de opressão em que vivia a Irlanda, explorada pela Inglaterra. Neste ensaio,

O autor traça um plano em que os filhos dos pobres da Irlanda seriam transformados num delicioso produto alimentício, fino prato a ser consumido pelos ingleses. Lúcido e mordaz, o autor, dilacerado pelos conflitos e contradições de seu tempo, acaba submetendo sua proposta a um exímio exercício de economia capitalista, onde as crianças pobres da Irlanda são transformadas em mercadorias. Úteis, as crianças irlandesas deixam de ser fardo para seus pais e para seu país, e se incorporam à produção capitalista, como mercadoria, que acumulada, constitui a riqueza de uma sociedade (BORTOLANZA, 1995: p. 6)

No século XVIII, a literatura infantil assume então um papel pedagógico, comprometida com o ensinamento, característica que irá marcar o texto literário para crianças desde sua gênese até os dias de hoje, tomando como pretexto o texto literário, reduzindo-o a lições escolares. No Brasil, nem o escritor Monteiro pôs em crise esse discurso, que só viria a ser questionado a partir da década de 1970.

2. A literatura para crianças no Brasil

No Brasil, os livros de leitura para crianças começaram a circular somente com a vinda da Família Real. A condição de colônia de Portugal influenciou a busca de textos escritos para crianças, ao ignorar em um primeiro momento a tradição oral, importou livros para crianças até meados do século XX, da Europa, principalmente da França.

As crianças brasileiras leram textos de Perrault, Irmãos Grimm, Andersen e as gerações seguintes leram também Lobato e autores como Bilac, Júlia Lopes de Almeida, Coelho Neto, destinados a literatura escolar ou didática.

A condição de colônia de Portugal foi propícia ao crescimento de uma literatura de caráter utilitário no Brasil, uma vez que temas como a nação, a pátria e o sentimento de brasilidade justificavam o utilitarismo dos textos literários e foram impostos por meio da leitura de Bilac, Bonfim, Júlia Lopes de Almeida e até mesmo do próprio Lobato, ainda que sua obra superasse o didatismo dos que o antecederam.

No século XX, precisamente na década de 1920, começou uma tímida produção de livros infantis, cujos textos valorizavam a pátria, abasileirando a língua. Até Lobato, a literatura escolar e a literatura para crianças e jovens eram uma só, sem diferenciação. Lobato foi o primeiro autor a empregar um discurso polifônico na literatura infantil, estabelecendo outro tipo de relação com a narrativa e com o leitor, em que a consciência do autor não transforma a consciência das personagens em objeto, assim o leitor tem a possibilidade de ver a realidade sob diferentes perspectivas por meio de seu discurso de múltiplas vozes.

Embora a obra lobatiana tivesse como eixo um projeto de brasilidade, Lobato diferenciou o estético do utilitário, depoimentos do próprio autor esclarecem que ele agiu intencionalmente para iniciar um movimento que se voltasse para a realidade brasileira, em linguagem da terra pátria e fosse verdadeiramente artístico. Contudo foi uma voz solitária, visto que o utilitarismo continuou predominando na literatura infantil brasileira.

Na década de 1950, os manuais escolares tomavam o texto literário como pretexto para ensinar e doutrinar as crianças que frequentavam as escolas brasileiras. Um exemplo disso é a introdução do livro *Através do Brasil*, escrito por Bilac e Bomfim (1950), livro destinado ao curso médio das escolas primárias, publicado pela pioneira editora Francisco Alves.

Agora uma lição de história. E preciso principiar explicando de um modo sensível as condições do Brasil antes da colonização. Fala por exemplo o livro do ‘sertão bruto, onde havia... índios’. É um excelente pretexto para dizer quem são esses índios que antigamente viviam sozinhos: os brancos e pretos só vieram depois, e com eles veio a colonização. E então o professor apelará para a observação da criança, para que ela note a diferença entre o estado selvagem e as indústrias, instituições, obras e costumes que distinguem a civilização; mostrará que essas instituições e indústrias faltam ainda em parte a algumas terras do interior, onde a civilização ainda não penetrou. Essa lição desenvolvida de forma acessível à mentalidade do aluno, e apelando sempre para seu raciocínio e para sua própria observação, há-de levá-lo facilmente a fazer uma idéia do que era o Brasil selvagem. (BILAC; BOMFIM, 1950: p. IX e X).

A partir de Lobato, autores como Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Cecília Meireles e outros retomam a discussão sobre o texto literário para crianças, abordando a problemática da literatura para crianças e jovens no Brasil. Todos convergem em um ponto: a literatura para crianças extrapola os limites do utilitarismo.

3. Um olhar singular para a literatura infantil brasileira

Em *O texto sedutor na literatura infantil*, Perrotti (1986) dirige seu olhar para a literatura infantil como profissional das ciências da comunicação e informação, na perspectiva histórico-sociológica, buscando o estético no texto literário infantil. O lugar de onde discursa é, portanto, diferente daqueles que o antecederam e mesmo de seus contemporâneos.

Vários autores abordaram o texto literário infantil, desde sua gênese à publicação de *O texto sedutor na literatura infantil brasileira*, diferentes perspectivas que permitem recompor a trajetória desse gênero literário. Lourenço Filho (1943), em seu artigo *Como aperfeiçoar a literatura infantil*, apresentado à Academia Brasileira de Letras, transita da perspectiva histórica ao enfoque conceitual, ao definir a constituição do gênero literário para crianças no Brasil, propõe um balanço da Literatura Brasileira Infantil, e discute o movimento pendular dos textos escritos para crianças, entre o didático e o literário (Mortatti, 2000).

Leonardo Arroyo, também educador, situou a literatura infantil em uma perspectiva histórica, ao descrever minuciosamente a constituição da literatura infantil brasileira e suas relações com a literatura oral e com a literatura escolar no livro *Literatura Infantil Brasileira*, publicado em 1968, pela Editora Melhoramentos. Já na introdução, o Autor deixa claro que:

a natureza da literatura infantil, o seu peso específico, é sempre o mesmo e invariável. Mudam as formas, o revestimento, o veículo de comunicação que é a linguagem. A fábula de Esopo é imutável desde seu nascimento e desde que consagrada pelo único critério válido em literatura infantil – o gosto do leitor infantil – permanecerá despertando interesse até o fim do mundo. Esta realidade específica não pode ser confundida com exercícios intelectuais ou pedagógicos estritos, fórmulas de moral ou de pureza gramatical, variáveis em suas vinculações históricas. Deixa-se bem claro o valor fundamental do gosto infantil como único critério de aferição da literatura infantil (ARROYO, 1990: p.25).

A poetisa e professora Cecília Meireles, nas conferências proferidas em janeiro de 1949, aos professores primários da Secretaria Estadual de Educação em Belo Horizonte, reitera que a verdadeira literatura infantil são os textos eleitos pelas próprias crianças. Publicadas em 1951, sob o título de *Problemas da Literatura Infantil*, Meireles (1951: p. 19-20) afirma na introdução do livro que:

Não se pretendeu aqui dar solução aos inúmeros problemas da Literatura Infantil. Pretendeu-se apenas insistir sobre a sua importância e alguns dos seus variados aspectos. Se em tal assunto pudesse a autora exprimir alguma aspiração, talvez fosse a da organização mundial de uma Biblioteca Infantil, que aparelhasse a infância de todos os países para uma unificação da cultura, nas bases do que se poderia muito marginalmente chamar um 'humanismo infantil'. Na esperança de que, se todas as crianças se entendessem, talvez os homens não se hostilizassem.

Em sua lucidez pedagógica e poética, Cecília Meireles anteviu a possibilidade de se criar uma biblioteca infantil para crianças do mundo inteiro, entretanto a mundialização da cultura parece não ter garantido sua aspiração de contribuir para um “humanismo infantil”. Embora o mercado editorial tenha superado as fronteiras dos países, e não falem organizações internacionais voltadas para a infância, atualmente o volume de livros infantis despejados no mercado não é sinônimo de leitura para todos e não garante àquelas que têm acesso aos livros, uma sólida formação leitora, pois o “o fato de a criança tomar um livro nas mãos, folheá-lo, passar os olhos por algumas páginas não deve iludir ninguém. Há mil artifícios e mil ocasiões para a tentativa de captura desse difícil leitor” (1951: p. 31).

Regina Zilberman e Marisa Lajolo, professoras e pesquisadoras, fazem uma cronologia histórica da literatura infantil brasileira, caracterizando períodos históricos, autores e obras, da Velha República até o período pós-ditadura, uma visão panorâmica de 100 anos, por meio de uma análise marxista-dialética da literatura infantil brasileira. Elas enfatizam a esteticidade do texto literário infantil e valorizam o discurso contra-ideológico no livro *Literatura Infantil Brasileira: História&Histórias*, publicado em 1987, pela Editora Ática. Na introdução, as Autoras esclarecem que:

Os trabalhos sobre literatura infantil, via de regra, desconsideram que o diálogo de qualquer texto literário se dá, em primeiro lugar, com outros textos e tendem a privilegiar o caráter educativo dos livros para crianças, sua dimensão pedagógica, a serviço de um outro projeto escolar e político. Nossa perspectiva foi inteiramente outra: em momento nenhum levamos em conta a adequabilidade deste ou daquele livro para tal ou qual público ou faixa etária. Valendo-nos do contraponto entre a literatura infantil e a não-infantil, nossa hipótese é que, no diálogo que se estabelece entre as duas, a especificidade de cada uma pode ajudar a destacar o que a tradição crítica, teórica e histórica não tem levado em conta na outra. É como se a literatura infantil e a não-infantil fossem pólos dialéticos do mesmo processo cultural que se explicam um pelo outro, delineando, na sua potencialidade, a complexidade do fenômeno literário num país com as características do nosso (LAJOLO; ZILBERMAN, 1987: p. 11).

Perrotti conheceu de perto a geração de escritores de 1970, fundantes de uma nova tendência na literatura infantil voltada para o estético, para a literariedade em oposição ao utilitarismo. Embora a discussão a respeito da esteticidade e do utilitarismo na literatura para crianças já estivesse posta pelos críticos literários, avançou historicamente com Perrotti ao demarcar a nova tendência, tomando como objeto de análise o livro de João Carlos Marinho, *Caneco de Prata* (1971), obra apontada como divisor de águas entre a tradição e a inovação na literatura infantil brasileira.

O texto sedutor na literatura infantil traz o olhar crítico do profissional da área de comunicação, voltado para as questões culturais da infância e da leitura, engajado em uma reflexão crítica a respeito da literatura, que havia optado por ver criticamente a literatura infantil, para isso apontando uma nova categoria de análise do texto literário para crianças: o utilitarismo às avessas. O próprio Autor, afirma que o objetivo de seu trabalho

acadêmico, dois anos depois publicado em livro, foi evidenciar o nascimento de uma nova tendência discursiva na literatura brasileira para crianças e jovens no Brasil.

4. A geração de escritores da década de 1970: uma nova tendência discursiva

Escritores da década de 1970 questionaram valores como preconceito, poder, individualismo, até mesmo a organização do próprio discurso utilitário, embora o próprio utilitarismo tão criticado acabasse sendo incorporado por alguns desses escritores em alguns textos escritos para crianças, resultando no utilitarismo às avessas, uma vez que conteúdos e formas do discurso utilitário foram apropriados e adaptados aos novos interesses dos autores da literatura para crianças.

Oscilando entre discurso utilitário e discurso estético, a nova geração de escritores da década de 1970 criou um impasse não superado até a metade da década de 1980. Como exemplo, Perrotti (1986) cita em *O texto sedutor na literatura infantil* alguns textos como *Raul da ferrugem azul*, de Ana Maria Machado que conta a história de um menino que sofre de um estranho mal, manchas azuis que só ele vê pipocarem pelo seu corpo. O livro de Ana Maria Machado é inovador, mas apresenta elementos do modelo utilitário em nível de conteúdo. As personagens são instrumento da autora para a defesa de sua tese, o conflito evolui até a solução final e a narrativa é então substituída por um discurso marcado pela subjetividade, cuja finalidade é ensinar crianças tímidas a se defenderem.

O livro *Marcelo, marmelo, martelo*, de Ruth Rocha é outro exemplo de utilitarismo às avessas apresentado por Perrotti (1986). O conto narra a história de um menino muito curioso que vivia fazendo perguntas e queria saber o porquê do nome das coisas. Neste texto, Ruth Rocha valoriza a criança, o pensamento crítico, a sabedoria infantil e questiona as relações de poder, a autoridade dos adultos, entretanto o utilitário se mantém. Narrado no tempo passado, ao final da narrativa é empregado o tempo verbal presente, evidenciando que a autora estabelece uma relação dialógica com o leitor, ao interromper a narrativa para inserir um discurso que mostra a história como verdade do sujeito que propõe “de forma unilateral modelos exemplares de relações sociais” (PERROTTI, 1986: p.129).

A curiosidade premiada de Fernanda Lopes de Almeida, publicado em 1978, é o terceiro texto analisado por Perrotti. O texto segue o mesmo esquema dos textos anteriores. Glorinha é uma menina muito curiosa que vivia fazendo perguntas a todos, até que a família resolve pedir ajuda de uma vizinha, uma velha professora que aconselha a mãe de Glorinha responder todas as perguntas da filha. Assim como os textos anteriores, a autora apresenta uma narrativa comprometida com a perspectiva de mundo da criança, entretanto a estrutura do discurso revela o mesmo utilitarismo às avessas presente nos textos anteriores analisados Perrotti.

Contudo Perrotti deixa claro que muitos textos literários primaram pelo seu caráter estético, como *Bisa Bia Bisa Bel* de Ana Maria Machado, *O que os olhos não vêem*

de Ruth Rocha e *Corda Bamba* de Lygia Bojunga Nunes. O Autor cita ainda *O misterioso rapto de Flor-de-sereno* (Haroldo Bruno), *Flicts* (Ziraldo), *Asdrúbal* (Elvira Vigna), *Uma idéia toda azul* e *Doze reis e a moça no labirinto do vento* (Marina Colasanti) que, colocando em crise o caráter utilitário dos textos literários infantis, privilegiaram o discurso estético.

5. Caneco de Prata: divisor de águas entre o discurso utilitário e o discurso estético

O exemplo, que segundo Perrotti (1986), melhor representa essa tendência literária na década de 1970 é *Caneco de prata* de João Carlos Marinho. O Autor considera *O Caneco de prata*, publicado em 1971, o divisor de águas entre o discurso utilitário e o discurso estético na literatura infantil e chama a atenção para o fato dessa renovação tão distante no tempo, considerando que Lobato, isoladamente já inovara a narrativa para crianças com a publicação de *Reinações de Narizinho* (1921).

O enredo de *O caneco de prata* conta a história da disputa de um campeonato de futebol entre times da cidade de São Paulo. A Escola Três Bandeiras resolve enfrentar a campeã por sete anos, a Escola Primária Garibaldi do bairro Cambuci. O professor Giovanni decide usar todos os recursos para garantir o troféu pela oitava vez e, encomenda uma bomba bacteriológica de um cientista que havia fugido da prisão. Para isso, ele contrata um espião que deve colocar a bomba no local onde estão concentrados os jogadores da escola Três Bandeiras. Adoentados, os jogadores não podem entrar em campo e contratam um time de crianças inexperientes em futebol. Nesse momento, um elemento fantástico interfere na trama: Gordo, um dos personagens, pede ajuda a um cientista que inventa uma máquina capaz de dirigir a bola no campo, sem a interferência dos jogadores. O time Três Bandeiras ganha o campeonato e fica com o caneco de prata. O coração do professor Garibaldi explode de raiva.

Aparentemente trata-se de uma simples história onde o mal vence o bem, que se apresenta aos leitores como uma lição de moral. Porém, se o leitor atentar para outras instâncias narrativas que se configuram junto ao ponto principal da narrativa, observa que o esquema tradicional da narrativa é abandonado, surge um discurso que deixa de lado o caminho do ensinamento pedagogizante para transformar-se em discurso estético. Simultaneamente à narrativa que trata da disputa entre as escolas, outra narrativa se desenvolve, possibilitando uma leitura do texto em que a competição esportiva ganha um novo sentido. O leitor se dá conta que a realidade ali tratada é mais ampla e complexa que a disputa entre dois times de futebol. À medida que a trama se estende, a narrativa paralela vai ocupando um espaço maior, de tal forma que a situação social do país se sobressai.

O quadro das relações humanas dado pela disputa esportiva, cumpre um papel funcional, é apresentado em flashes, que só adquirem sentido quando interpostos na sequência linear da narrativa sobre o campeonato. Esse recurso permite ao leitor perceber que não se trata de uma simples disputa, mas que esta representa “a força catalisadora de relações sociais em desarmonia” (PERROTTI, 1986: p.90).

Segundo Perrotti (1986), o princípio da causalidade que norteia as narrativas tradicionais é substituído pelo princípio da reciprocidade, ou seja, se nas narrativas de caráter utilitário, as ações visavam um resultado; em *O caneco de prata*, o narrador não guia o leitor e os acontecimentos se esclarecem por si, sem causas e resultados previstos. Pode-se inferir que os acontecimentos se inter-relacionam, em um movimento dialético, e os leitores podem intervir como sujeitos históricos.

O livro de João Carlos Marinho é uma obra aberta, em que o leitor pode interferir ao recolher os fragmentos e compor a história. Diferentemente do discurso utilitário, em que o narrador submete o leitor, no discurso estético o leitor participa, tornando-se cúmplice do narrador. Essa reciprocidade possibilita que o leitor seja interlocutor do narrador, deslocamento que marca uma relação dialógica entre narrador e leitor.

A sociedade de consumo não é apresentada como solução, mas, segundo Perrotti (1986: p. 98), como uma “anomalia histórica” que provoca conflitos e que busca oferecer a mercadoria como solução. Assim, no oitavo capítulo, a frase única “O professor Giovanni tinha sete filhos e comeu um macarrão”, aparentemente sem sentido, adquire significado quando contextualizada: comer se sobrepõe às relações afetivas do professor Giovanni, ele havia sido completamente subjugado ao consumo.

Como consumo não é solução, no capítulo vinte e seis, o pai do Gordo ao constatar o defeito do robô que presenteara o filho, desabafa: “Ah meu Deus QUE QUE EU FAÇO COM MINHA RAIVA!” A mercadoria não dá respostas aos problemas humanos. Outra cena, capítulo cinquenta e quatro, mostra claramente o processo de fetichização da mercadoria: a coisa possuída (o caneco de prata) e o possuidor (professor Giovanni). O professor fica obcecado pelo caneco de prata e suas relações são então intermediadas pelo fetiche (PERROTTI, 1986: p. 100).

No capítulo cinquenta e seis, o hospício é um “espaço político” de repressão àqueles que oferecem risco à ordem estabelecida. A figura do psicanalista representa “a ciência a serviço do poder” (PERROTTI, 1986: p.103). O Leopardo Verde é uma personagem que não se define, sem transparência tal qual o sistema político no Brasil, a partir de 1964. No capítulo cinquenta e nove pode-se identificá-lo, é a nova ordem instituída no país após a revolução de 1964, uma força poderosa maior que o Esquadrão da Morte, grupo de extermínio durante a ditadura militar no Brasil (PERROTTI, 1986: p, 106-107).

No final do texto, todos se rendem ao caneco de prata, o jogo de futebol transforma-se em alienação coletiva. No caneco de prata estão contidas as angústias, as decepções, as insatisfações, enfim a loucura que toma conta do ser humano quando deixa de ser sujeito para ser consumidor (PERROTTI, 1986).

Segundo Perrotti, *O caneco de prata* é a “expressão de perplexidade diante de uma sociedade que penetra em nova fase do capitalismo” em que a mercadoria é “o elo entre os homens”, as relações sociais são substituídas pelas coisas, a cultura transforma-se em instrumento de discriminação de classes, enfim é tudo é regido pela lógica do capital.

A questão central do livro de Perrotti, *O texto sedutor na literatura infantil*, é denunciar a crise do utilitarismo na literatura infantil e anunciar a nova tendência da geração de escritores de 1970 que reivindicava que suas obras fossem vistas como objeto estético, abominando o papel de moralistas ou pedagogos. *O texto sedutor na literatura brasileira* expõe concretamente a crise do discurso utilitário e o aparecimento da nova tendência discursiva, o discurso da eficácia é substituído pelo discurso estético, ressignificando a literatura infantil brasileira.

Não havia antes da publicação de *O texto sedutor na literatura infantil* um referencial teórico que considerasse a especificidade da produção cultural para crianças, e por falta deste, emprestava-se da teoria literária as categorias para estudar os textos literários infantis. O grande desafio de Perrotti foi pensar para além da literariedade do texto literário para crianças, as condições de recepção, na condição de objeto artístico que surgiu na sociedade de mercado.

No entanto esse caráter de renovação da literatura para crianças e jovens ainda esbarra no contexto de uma sociedade dominada pela ideologia burguesa. Assim, mesmo atualizando conteúdos, seu discurso continua normativo, ou seja, a literatura infantil continua cumprindo o papel de ensinar as crianças e o escritor de ordenar o mundo para os pequenos leitores. Mas é preciso salientar que, a partir da geração de escritores de 1970, o caráter de renovação da literatura para crianças ressignifica o discurso estético em oposição ao discurso utilitário então predominante, ainda que em alguns momentos resvale para um utilitarismo às avessas.

Citando Bloom, Ferreira (2009: p. 11) esclarece que a “literatura para crianças ou infantil tem se tornado, atualmente, uma produção mercadológica, com pouca qualidade literária, descartável e, praticamente, esquecida depois de consumida”. Todavia, o mercado livreiro começa a despertar para os valores culturais e políticos que devem ser agregados à mercadoria livro na sociedade capitalista. De acordo com Ferreira (2009: p. 18), novos valores são agregados ao objeto cultural livro.

Só recentemente o mercado livreiro começa colocar, de forma mais explícita, o aspecto econômico ao lado do cultural e do político e as peculiaridades do seu produto em uma sociedade capitalista. Nesse setor, o mercado livreiro não vende apenas uma mercadoria, mas aquilo que se constela no seu interior e em volta dela: a importância de ser leitor, as conseqüências positivas da leitura, o poder do livro e da leitura, a legitimidade de certas práticas de leitura, a distinção/discriminação entre leitores e não-leitores e a necessidade da leitura sob forma de direito para todos.

Para além do ciclo de vida de um livro para crianças (autor, editor, distribuidor, vendedor e leitor), de acordo com Ferreira (2009), outras instâncias medeiam a circulação de livros infantis: a mídia, a escola e a família, entidades promotoras da leitura e comunidades leitoras. Mas o ciclo de vida dos livros, que circula por instâncias institucionais e não-institucionais, percorre outras direções e nem sempre perfaz o ciclo nesta ordem, pois livros são resgatados por seus leitores em vários contextos que instauram

inusitados circuitos de circulação desse objeto cultural e múltiplas práticas de leitura em diferentes tempos e lugares.

Considerações finais

Mas o que mudou na literatura infantil dos anos 1970, 1980 para os dias de hoje?

As tendências atuais de produção literária para crianças apontam para uma diversidade de temas e estilos que percorrem desde os clássicos universais, contos de fadas, narrativas mitológicas às poesias. Segundo Turchi (2009: 99)

Além da publicação em nova edição, bem cuidada, com os avanços dos recursos disponíveis nas artes gráficas, há também a revisitação dessas antigas histórias numa direção da paródia ou da desconstrução pelo humor ou pela crítica dos valores ou paradigmas sociais. Essas formas e temas literários revitalizados trazem como marca estética a presença de dados da contemporaneidade na caracterização do tempo, do espaço e dos conflitos.

Entretanto, quanto à produção de estudos sobre a literatura infantil, a escassez de pesquisas deve-se atualmente, de acordo com Ceccantini (2004: 20) “à volatilidade do objeto em causa, resistente ao enquadramento em definições precisas e à clara delimitação e definição, situando-se numa espécie de limbo acadêmico”. Isto é, a literatura para crianças e jovens no Brasil prossegue sem definição, em consequência da diversidade de estilos, conteúdos e formas dos textos publicados pelo mercado editorial e de um público leitor direcionado por esse mercado para uma leitura-consumo.

No universo acadêmico, o gênero literário para crianças parece cada vez mais diminuído. Uma busca no Banco de Teses da Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES, 2011), no período de 2006 a 2010, identificou apenas uma abordagem na perspectiva histórica, *A produção de Lourenço Filho sobre e de literatura infantil e juvenil (1940-1960): fundação de uma tradição*, tese de Estela Natalina Montovani Bertoletti, defendida em 2006.

Recentemente, o prêmio Jabuti selecionou na categoria infantil o livro *Obax* de André Neves, lançado pela Editora Brinque-Book, em 2010. O livro conta por meio da escrita e das ilustrações uma história ambientada nas savanas do oeste africano, um lugar extremamente árido, em que uma menininha sonhadora jura ter visto uma chuva de flores. O forte apelo visual do livro parece decisivo para despertar o público leitor, indicando que a imagem ocupa um lugar privilegiado na literatura infantil brasileira contemporânea.

Concluindo, destacamos algumas questões para reflexão àqueles que direta ou indiretamente respondem pela formação leitora de crianças. A literatura para crianças é cada vez mais mercadoria agregada a outros valores culturais e, nesse contexto, parece que a esteticidade não é pré-requisito para a publicação de textos destinados às crianças. Por outro lado, pouco se avançou na produção científica sobre literatura infantil nessas

últimas décadas, conforme aponta a produção acadêmica divulgada no portal da Capes. Constatamos ainda que os clássicos da literatura brasileira para crianças continuam ocupando um lugar inexpressivo nas publicações dirigidas ao público infantil.

O desafio continua posto: é preciso repensar criticamente a Literatura Infantil Brasileira, como fez Perrotti há 25 anos, ao publicar *O texto sedutor na literatura infantil*, em 1986. Embora tenhamos uma produção literária infantil cada vez mais de qualidade, do ponto das ilustrações e do acabamento gráfico editorial, nem sempre a esteticidade está presente no texto literário escrito para crianças.

Referências

- ARROYO, L. (1990). *Literatura Infantil Brasileira*. 10ª ed. São Paulo: Melhoramentos.
- BILAC, O.; BOMFIM, M. (1950). *Através do Brasil (narrativa)*. 37ª ed. São Paulo: Livraria Francisco Alves.
- BORTOLANZA, A. M. E. (1995). *Algumas considerações sobre a educação burguesa em Viagens de Gulliver de Jonatham Swift*. Monografia apresentada à disciplina Fundamentos Histórico-Filosóficos da Educação, Mestrado em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
- CECCANTINI, João Luis C. T (org.). 2004. *Leitura e literatura infanto-juvenil: memórias de Gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- FERREIRA, N. S. de A. (2009). *Os livros infantis brasileiros que aqui circulam, não circulam como lá*. Relatório de Pesquisa de Pós-Doutorado, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://www.fe.unicamp.br/alle/pdf/relatorio-pesquisanormal.pdf> Acesso em: 10/02/2011.
- FILHO, L. (1943). Como aperfeiçoar a literatura infantil brasileira. In: *Revista Brasileira (ABL)*, n.3, v.7.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. (1987). *Literatura infantil brasileira: história&histórias*. São Paulo: Editora Ática.
- MARINHO, J. C. (1981). *O caneco de prata*. 6ª ed. São Paulo: Editora Obelisco.
- MEIRELES, C. (1984). *Problemas da Literatura Infantil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MORTATTI, M. R. L. (2000). Leitura crítica da literatura infantil. In: *Leitura: teoria & prática*, Campinas, a.19, n. 36, p. 11-17.
- PERROTTI, E. (1986). *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone.
- TURCHI, Z. (2009). Tendências atuais da literatura infantil brasileira. In: VASCONCELOS, M. L. B (Org.). *Biblioteca escolar: uma ponte para o conhecimento*. Goiânia: SEDUC

(Artículo recibido: 05-07-2011; aceptado: 13-12-2011)